



A glória e seu cortejo de horrores

Fernanda Torres

[Download now](#)

[Read Online ➔](#)

A glória e seu cortejo de horrores

Fernanda Torres

A glória e seu cortejo de horrores Fernanda Torres

A glória e seu cortejo de horrores, novo romance de Fernanda Torres, autora de *Fim*, acompanha as desventuras de Mario Cardoso, um ator de meia idade, dos dias de sucesso como astro de telenovela até a total derrocada quando decide encenar uma versão de *Rei Lear* – e as coisas não saem exatamente como esperava. Mescla eletrizante de comédia de erros e retrato do artista, o livro atravessa diversas fases da carreira de Mario (e da história recente do Brasil), suas lembranças de juventude no teatro político, a incursão pelo Cinema Novo dos anos 60, a efervescência hippie do Verão do Desbunde, o encontro com o teatro de Tchékhov, a glória como um dos atores mais famosos de uma época em que a televisão dava as cartas no país. Um painel corrosivo de uma geração que viu sua ideia de arte sucumbir ao mercado, à superficialidade do mundo hiperconetado e, sobretudo, à derrocada de suas próprias ilusões.

A glória e seu cortejo de horrores Details

Date : Published November 10th 2017 by Companhia das Letras

ISBN : 9788535929935

Author : Fernanda Torres

Format : Paperback 216 pages

Genre : Cultural, Brazil

 [Download A glória e seu cortejo de horrores ...pdf](#)

 [Read Online A glória e seu cortejo de horrores ...pdf](#)

Download and Read Free Online A glória e seu cortejo de horrores Fernanda Torres

From Reader Review A glória e seu cortejo de horrores for online ebook

Ricardo Motti says

Digamos assim: o segundo livro da Fernanda Torres é o segundo disco do Franz Ferdinand. Mais direto, mais duro, lembra o primeiro, tem trechos brilhantes e também tem uns pedaços que poderiam ser cortados.

E digamos também: ninguém retrata a decadência masculina como ela.

Marcos Renaux says

Bem escrito, interessante, com momentos brilhantes, mas no geral dá uma ideia de um "sub-Philip Roth". Minha recomendação para este livro é mais para "neutro" do que "não perca".

Flavia says

O que mais gostei nesse livro, foi de como algumas situações (e pessoas) foram narradas de forma engraçada e em um tom irônico, até mesmo ridículo. E como penso que uma visão bem-humorada sobre as coisas é muito mais interessante do que uma depressiva e saudosista, foi uma leitura leve, agradável e rápida.

Saymon Nascimento says

Em resposta a um repórter da Folha de S. Paulo que lhe perguntava se o verdadeiro massacre sofrido pelo protagonista do seu novo livro era uma reação aos homens estúpidos do mundo artístico da zona sul carioca, Fernanda Torres disfarçou, e foi existencial: "Eu castigaria qualquer um. As coisas me vêm com ironia; a vida é trágica". A Glória e Seu Cortejo de Horrores, o seu segundo romance, é de uma virulência sem fim, mas a sua navalha, ao ferir os seus personagens, não os despe de humanidade. A vida é trágica - este violência não é nada pessoal.

Admirador ferrenho de Fim, a estreia quase acidental de Fernanda Torres no Fim, eu cheguei a essa obra nova com o medo terrível de estar diante de uma fraude, da evidência de que a qualidade estarrecedora do livro anterior fosse sorte de principiante. Não é. Acompanhando a imprensa, até agora não achei nenhuma crítica de verdade ao livro, como se até o resenhismo mais maldoso tivesse medo de se aproximar. Como lidar com o fato de que uma atriz talentosa, filha de dois "monstros sagrados" da tv, teatro e cinema brasileiro, ainda por cima escreva de modo espetacular e publique dois dos melhores romances deste século no país?

Não é uma hipérbole, é disso mesmo que estamos falando, e já que estamos no terreno do reconhecimento do talento e do privilégio que esse talento - mais um - representa, é bom dizer que o misto de desencanto carioca

e ironia perturbadora faz com que Fernanda Torres mereça ser mencionada como pertencente ao mesmo veio literário que Machado de Assis.

Não se trata aqui de comparar os dois - não seria justo - mas de perceber como esse romance pontiagudo opera de modo muito parecido ao do mestre da Rua de Matacavalos. No fundo, a tragédia da vida é mais evidente quando uma existência é contada em fast-forward, como Machado e Fernanda fazem, em cenários parecidos, mas separados por pouco mais de um século. O humor que transborda do texto parece bater em falso, propositadamente - em vez da gag, o que se evidencia é um profundo entendimento do patético.

É como se os eventos da vida, reduzidos ao essencial, revelem sempre a sua face mais deprimente, por melhores que sejam os momentos isolados, ou mais vívida a lembrança de alegrias marcantes. Um grande momento do livro é o transe do protagonista, um ator, na memória do seu maior sucesso no teatro, num papel em uma peça de Tchekhov. É embriagante, mas é um átimo, e as consequências que até mesmo as alegrias acabam por reverter-se para o mal. Um casamento de 15 anos, espetacularmente narrado em algumas páginas, rompe-se num segundo, num momento preciso, sem que o texto faça qualquer esforço para torná-lo um grande momento. Até os lances decisivos da vida têm a marca da banalidade.

Além dessa nuvem massiva de pessimismo que se abate sobre as nossas cabeças durante a leitura, chama muito a atenção o fato de Fernanda Torres ser tão desenvolta narrando em primeira pessoa as agruras de um personagem tão masculino. É incrível - parece que o fato de ser atriz faz com que ela se ponha precisamente no lugar de qualquer outra pessoa, e o gênero nem de longe é uma barreira. Apesar da familiaridade do cenário - Rio, artistas, teatro - o texto tem uma precisão muito específica do que é ser homem, algo que ela já tinha logrado com maestria em *Fim*.

Essa precisão, por outro lado, não se manifesta em diálogos, como se esperaria de uma atriz que começou a escrever ficção como uma peça de teatro. A ação é interna, mas cheias de marcas de oralidade. O livro é um relato não dito, represado. Está todo na mente do seu protagonista, como se Fernanda, antes de escrever um romance, estivesse compondo uma personagem e levando essa composição às últimas consequências. Há atores que criam histórias para as personagens que interpretam - Fernanda desenvolve romances inteiros para personagens que nunca vai interpretar.

A marca da tragédia sem sentido - sim, ela cita a passagem shakespeareana do som e a da fúria no romance, por sinal, muito erudito em referências, mas jamais reverente - pode não desaparecer em nenhuma página, mas se há algo que redime a experiência dessa leitura de ser um mergulho unidimensional na depressão é o entendimento de que se a arte não muda o fato de que a existência é um horror, ao menos dá as pessoas algum alento para enfrentar a vida. O epílogo dessa história de derrocada - mais uma vez, espetacularmente bem escrito - mostra que esse alento não é pouca coisa. É tudo o que temos.

Thaís Nagalli says

Genial e emocionante!

Maria Clara says

Fernanda Torres tem uma escrita única, que nos fascina desde o primeiro parágrafo! E que venha o terceiro!

Fabio Augusto says

O livro deixou em mim a mesma sensação do primeiro (Fim): bem escrito, com boas tiradas, escrita fluida. Por outro lado, assim como Fim, não deverá ficar na minha mente.

O contexto do livro me lembrou um pouco A Humilhação do Philip Roth, um livro menor e melhor para o meu gosto que o da Fernanda Torres. Enfim, um livro médio. Divertido, mas longe de ser imperdível.

Escotilha says

Lançado pela editora Companhia das Letras, A glória e seu cortejo de horrores é uma obra escrita pela atriz e escritora Fernanda Torres. A obra é o terceiro livro lançado pela autora, que já publicou os títulos Fim, seu primeiro romance, e Sete anos, obra que reúne crônicas que foram publicadas em revistas e jornais. Atualmente, Fernanda é colunista da Folha de São Paulo, da Veja Rio e também é colaboradora da revista Piauí.

Na primeira parte do livro, escrito em primeira pessoa, o leitor já descobre, no início, que o título é, na verdade, um “presente” da mãe da autora, a atriz Fernanda Montenegro. Entre alguns depoimentos, em entrevistas para veículos de mídia a atriz já apontou que a frase foi dita por sua mãe, que sempre a atentava: “É a glória e seu cortejo de horrores, Fernanda”.

O romance narra a vida de Mario Cardoso, ator de meia idade, que experimenta o sucesso e as derrocadas da profissão. O livro que não é segmentado necessariamente por capítulos: apresenta logo na primeira parte da obra a cena que dá o tom de toda a narrativa: o desastre de uma encenação de Rei Lear, tragédia teatral de William Shakespeare.

O pano de fundo de A Glória e seu cortejo de horrores é o Brasil dos anos 60. A história que se passa em grande parte, na cidade do Rio de Janeiro, narra em conjunto com a história do ator e o teatro, as configurações políticas da época. As peças de cunho político cultural frente ao regime repressivo da Ditadura Militar (1964-85), contexto social, a incursão no Cinema Novo e o sistema capitalista selvagem da época podem ser percebidos ao longo da trama à medida que o personagem desenvolve sua história.

Por Leticia Queiroz

Íntegra da resenha em: <http://www.aescotilha.com.br/literatu...>

Carla Coelho says

Em que momento abandonamos os nossos ideias em nome do conforto material e do sucesso, esse nectar inebriante? Muitas vezes, esse caminho não se faz de modo abrupto ou consciente. São pequenas opções que se vão fazendo, portas que se fecham ali, janelas que se abrem acolá. E, de repente, aquilo em que acreditávamos já não nos norteia. Vivemos uma existência voltada para o exterior. Para muitas pessoas essa verificação não traz especial dor. Ou encontram um mecanismo de compensação à altura do problema, tóxico de forma evidente (como as drogas ou o álcool) ou não (como a adopção de princípios pseudo-esotéricos que

nos trazem conforto). A personagem central deste livro não tem esse luxo. Jovem actor politicamente empenhado acaba por se desiludir com a ideia de que a arte pode mudar o mundo. Segue-se o sucesso mundano, as novelas, os comerciais, enquanto a vida se desmorona. Porque o seu interior também foi destruído. E um dia todo o edifício que era aquela homem descamba. Assistimos, então, ao esforço para apanhar os cacos. E a uma redenção dura onde os pequenos laivos de comédia que acompanham a narrativa desaparecem de vez.

Já conhecia Fernanda Torres como actriz e sei que publicou outros livros. Este foi o primeiro que li. A maturidade da escrita e a solidez das opções narrativas fazem desta história, hiperbólica nos seus contornos, um texto em que nos podemos questionar sobre as opções que tomamos e o caminho que pretendemos trilhar.

Willian Welbert says

Melhor ainda do que "Fim" da mesma autora, que já é um livro ótimo, o personagem principal, Mário, me absorveu e me fez engolir página após página como nenhum outro livro tinha feito há um bom tempo

Marina Morena says

« Você pode igualar as classes, distribuir o lucro, mas ainda está para ser inventada a fórmula que dê fim ao narcisismo.

E mesmo hoje, depois de anos corridos, vejo que a escalação nunca foge das regras eternas do physique du rôle. Alguns nasceram para galã, outros para pai nobre. Uns para tirano, outros para cômico. Sendo que a grande maioria veio ao mundo para fazer figuração. »

Gabriel Franklin says

"A vida separa as pessoas, como separa a gente de nós mesmos."

Anna Raquel says

Fui bem surpreendida por esse livro. É deprimente e engraçado ao mesmo tempo, com uma linguagem intrigante sem ser indecifrável. Difícil encontrar autores brasileiros com essa proposta. O enredo em si acabou me lembrando bastante a série Bojack Horseman.

Rafael Castro says

Achei bem fraquinho.

O primeiro livro dela (FIM) era muito melhor.

Luiz da Motta says

Uma beleza. O livro me trouxe uma leitura da arte, do Brasil e até mim mesmo. Além de trechos hilários, que me faziam parar a leitura para dar saborosas gargalhadas.

(Confirmou minha impressão sobre a leitura anterior. O livro do Milton Hatoum, que aborda a mesma época e traz personagens semelhantes, perdeu a oportunidade de se aprofundar em tudo isso que o livro da Fernanda esmiuça, investiga.)

Só achei que a autora acelera um pouco a narrativa a partir do meio do livro. (Ou foi minha impressão, por não querer que a leitura acabasse?) Ela resume passagens marcantes na vida do personagem em parágrafos construídos com frases curtas, sintéticas. Por que será? Sugestão editorial? Será que mais tarde sairá uma "edição do autor", sem cortes?

Por que falar em 200 páginas o que se pode falar em 500?
